

**Semelhanças e diferenças no tratamento do tema amoroso
por Lucrecio (*De rerum natura*) e Ovídio (*Ars amatoria*)**
**Similarities and differences between Lucretius (*De rerum natura*) and
Ovid (*Ars amatoria*) in the treatment of love**

MATHEUS TREVIZAM¹ (*Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais — Brasil*)

Abstract: In this article, after addressing some issues pertaining to ancient didactic poetry, we will focus on the similarities and differences between Lucretius and Ovid, as far as their treatment of the love theme in *De rerum natura* and *Ars amatoria* is concerned. Whereas some aspects, such as the recommendation concerning the “lack of exclusivity” and the emphasis on erotic restraint, appear to bring the two authors together, others, on the other hand, seem to set them apart, such as the importance of preventing love sufferings stressed by Lucretius, as opposed to Ovid’s advice of an uncommitted astuteness.

Keywords: *Ars amatoria*; *De rerum natura*; love precepts; similarities; differences.

**I. Introdução: semelhanças e diferenças de forma literária entre o
De rerum natura e a *Ars amatoria***

O estabelecimento de paralelos, sejam eles de forma literária ou temáticos, entre o único poema lucreciano e a *Ars amatoria* de Ovídio se oferece ao crítico como uma via de abordagem filológica bastante produtiva. De início, lembramos a pertença das duas obras consideradas ao que os estudiosos modernos têm, muitas vezes, definido como uma mesma forma literária: aqui nos referimos à terminologia da poesia didática greco-romana,² cujos traços constitutivos essenciais se podem discriminar pela moldagem da “voz” textual como a de um *magister*, pela figuração do público à maneira de um *discipulus*, pelo entremear de “painéis” narrativos de variável extensão em meio aos preceitos da “aula” ilusoriamente engendrada nos textos,³ pelo frequente, mas não exclusivo, emprego do metro hexâmetro datílico para a feitura das obras, por uma extensão, embora crescente ao

Texto recebido em 13.08.2014 e aceite para publicação em 25.11.2014.

¹ matheustrevizam2000@yahoo.com.br.

² TOOHEY (1996) 4.

³ Tais “painéis” correspondem, segundo explicações de Toohey [TOOHEY (1996) 4], em pausas no modo discursivo do oferecimento de preceitos, que *grosso modo* caracteriza os poemas didáticos, sendo “desvios” narrativos, muitas vezes de natureza mítica.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 17 (2015) 229-261 — ISSN: 0874-5498

longo da história de desenvolvimento da tipologia compositiva em pauta, no início pequena e, depois, jamais comparável com a da épica narrativa,⁴ pelo relativo apuro de abordagem dos assuntos particularmente eleitos pelos autores etc.

Desse modo, podemos com certeza afirmar que a identidade da tipologia literária quando cotejamos o *De rerum natura* e a *Ars amatoria* torna tanto “Lucrécio” quanto “Nasão”⁵ em respectivos mestres de atomística epicurista e, à superfície, conquista amorosa; seus ouvintes, em distintos alunos dessas matérias; os dois poetas favoráveis à prática do entremeio de “painéis” com fins de variação expositiva em “aula”; ambos em cuidadosos tematizadores dos objetos de ensinamento que escolheram tratar.

Não se deve, porém, nesse quesito da “mesma” forma de expressão letrada a que recorreram os dois poetas sobre os quais nos pronunciamos, julgar que tudo são estritas semelhanças. Então, lembramos as diferenças de postura entre o *magister* didático identificado com “Lucrécio” e aquele atinente a “Nasão”, pois o primeiro, com muita frequência, foi descrito como um apaixonado⁶ e sério difusor das ideias daquele a quem reputa seu mestre, Epicuro de Atenas. Por isso, não menoscaba as chances de educação filosófica do público, representada pela ocasião de escrita do *De rerum natura*, e torna-a o objetivo central dos propósitos compositivos desse texto, verdadeiramente comprometido com doutrinar na Escola epicurista.⁷

Em contrapartida, a pedagogia amorosa de Ovídio pauta-se muitas vezes pela estratégia de iludir o público de formas variadas,⁸ como se esse

⁴ Para Toohey, a inicial extensão dos poemas didáticos deve ter correspondido a algo como a quantia dos oitocentos versos ainda verificáveis, aproximadamente, n’*Os trabalhos e os dias* hesiódicos. Por outro lado, para o mesmo estudioso, Lucrécio seria, talvez, o primeiro poeta didático a compor obras no interior dessa tipologia através da junção de sucessivos livros [TOOHEY (1996) 4], mas não podemos igualar em extensão os 9.826 versos da *Eneida* (ou os 15.693 versos da *Ilíada*!) com os “meros” 7.415 do *De rerum natura*.

⁵ Pondo entre aspas os nomes dos autores da *Ars amatoria* e do *De rerum natura*, referimo-nos à figura textual dos *magistri* de galanteria ou filosofia, não aos respectivos autores históricos.

⁶ BOYANCÉ (1963) 40.

⁷ DALZELL (1996) 36.

⁸ HOLZBERG (2002) 103-104.

magister didático, na verdade, rompesse a todo momento algumas das esperadas convenções sociais no estabelecimento de contato entre professores e alunos, como os intentos, de fato, de bem instruir em um dado assunto e o compromisso ético com a confiabilidade. A título de exemplificação, com que espanto não descobriria o leitor masculino ingênuo da *Ars amatoria* ao deparar, depois de dois livros inteiros de preceitos destinados ao preparo de seu sexo para o amor, a existência de um terceiro, desta feita construído com vistas ao favorecimento da sedução dos homens pelas mulheres, sem, todavia, o cessar dos mesmos mecanismos de insidiosa “captura de presas” que antes lhe pautara o aprendizado!⁹

Tais semelhanças ou diferenças entre o *De rerum natura* e a *Ars amatoria*, colhidas entre outras mais possíveis,¹⁰ permitem-nos, além de adentrar o estudo desses textos pelo viés geral de suas recorrentes características como poemas didáticos, previamente anunciar, ao nos direcionarmos para o polo temático especificamente concernente ao assunto do amor, segundo esboçado por um e outro poeta, que também se hão de ver similitudes ou divergências nesse novo âmbito analítico. Portanto, será nosso intento, na continuidade do artigo, apontar alguns aspectos de acordo ou desacordo entre Lucrecio e o Ovídio de *Ars amatoria* ao terem optado por tematizar os “domínios de Vênus” como o fizeram.

II. Semelhanças no tratamento do tema amoroso por Lucrecio e Ovídio (*Ars amatoria*)

II.1. As concepções amorosas de Ovídio na *Ars amatoria* e suas inovações quanto ao imaginário elegíaco típico

De início convém, para o delineamento das questões neste tópico de análise, estabelecer alguns paralelos entre as concepções amorosas de Oví-

⁹ HOLZBERG (2002) 106.

¹⁰ Segundo certa terminologia cunhada por Bernd Effe, por exemplo, a *Ars amatoria* corresponderia ao tipo “transparente” da poesia didática, pela falta de coincidência entre seu tema ostensivo (a preceituação amorosa) e aquele subentendido (possivelmente, a metalinguagem sobre a elegia). Por sua vez, a única obra de Lucrecio se enquadra, segundo o mesmo mecanismo classificatório, na tipologia “ideal”, pois os níveis instrutivos sempre convergem nela para instruir a respeito da física epicurista [DALZELL (1996) 32-33].

dio na obra de nosso interesse e o que se dava, tipicamente, em uma de suas matrizes literárias de origem, vale dizer, a poética da elegia erótica romana. Parece-nos bem, para isso, tomar como exemplo o primeiro poema do *Monobiblos* de Sexto Propércio, pois que ele se reveste de sentidos programáticos e manifesta com clareza *tópoi* e situações de todo recorrentes no interior da tradição literária que, de algum modo, ajuda a instaurar.¹¹

Assim, os leitores do poeta recordam-se de que esse poema “inaugural” apresenta a difícil situação de enamoramento do “eu-lírico” por uma bela plenamente capaz de dominar até as mais profundas fibras de seu ser. Isso se patenteia, já, nos versos iniciais do texto, quando se diz que *Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que me enfeitiçou*,¹² bem como que *o Amor, então, abateu-me o brilho da firme altivez,/ dominou minha cabeça, calcando os pés sobre ela*.¹³ Ora, tanto a menção à “captura” (*cepit*, v. 1) quanto aquela ao esmagamento da cabeça do apaixonado pelos pés do Amor correspondem a imagens obviamente indicativas de que essa figura do imaginário properciano perdeu, a partir da hora do envolvimento afetivo com *Cíntia*, o controle sobre a própria vida e sentimentos. Assim, tais ideias de subordinação aos caprichos alheios patenteiam as dores, muitas vezes, experimentadas pelos apaixonados que, descentrados de si, acabaram desastrosamente delegando o leme de sua existência a algum objeto do desejo.¹⁴

Na sequência do texto, surge um *tópos* de difundido emprego na literatura amorosa antiga, e que se define pela aproximação entre o sentimento passionai e uma doença (*tal loucura não me abandonou ainda, durante todo este ano,/ e, no entanto, sou forçado a ter os Deuses como contrários a mim*).¹⁵ Longe de significar algo a contribuir positivamente para a experiência dos amantes,

¹¹ GRIMAL (1994) 261.

¹² PROP. 1.1.1: *Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis* [citamos esse poema, aqui, sempre em tradução de Zelia de A. CARDOSO, apud NOVAK, M. G.; NERY, M. L. (1992), *Poesia lírica latina*. São Paulo, Martins Fontes, 1992, 144-147].

¹³ PROP. 1.1.3-4: *Tum mihi constantis deiecit lumina fastus/ et caput impositis pressit Amor pedibus*.

¹⁴ Veja-se Paul Veyne a respeito da rejeição moral dos antigos romanos aos excessivos arroubos passionais [VEYNE (1997) 198].

¹⁵ PROP. 1.1.7-8: *Et mihi iam toto furor hic non deficit anno,/ cum tamen aduersos cogor habere Deos*.

semelhante concepção do amor tende a identificar-se com a dura experiência de padecer de corpo e/ ou alma.¹⁶

Entre v. 9 e v. 15, ainda, Propércio relembra, na mesma elegia do *Monobiblos*, o mito de Milanião e Atalanta. Segundo a versão mítica seguida pelo poeta na passagem que evocamos, Milanião triunfou do desdém da amada através do serviço agreste a ela, como “pajem de caça”. Nesses versos, o autor manifesta clara adesão a outro dos *tópoi* da tradição elegíaca (*seruitium amoris*), o qual se vincula a apresentar o apaixonado ao modo de um escravo, ou subalterno servidor, daquela(e) a quem deseja, em espécie de inversão de papéis se considerarmos, em geral, as posições cabíveis aos homens livres e mulheres na sociedade de Roma antiga.¹⁷

Em seguida, antes de novamente retomar o *tópos* do amor como doença que requer os mais duros tratamentos,¹⁸ o amante evoca imagens de feitiçaria entre v. 19-24, rogando às bruxas que tornem Cíntia tão pálida quanto ele está. Por fim, o “eu-lírico” finaliza esta exposição de seu sentir com aconselhamentos aos demais amantes, dizendo-lhes, caso felizes em seus afetos, que evitem trocá-los (v. 31-32), e avisando-os sobre as dores por que passa.

Como constante do imaginário elegíaco, os versos evocados apresentam ao leitor a ideia do sofrimento, pois os apaixonados do gênero, sobretudo, padecem do “mal” amoroso nas mãos de objetos do desejo, muitas vezes, mostrados como indiferentes, pérfidos e infiéis.¹⁹ Na verdade, preenche o próprio cerne da elegia que o amante sofra cruelmente por seu sentimento, mas, ao mesmo tempo, não tenha forças de desvincular-se de um afeto que o enfraquece e envergonha perante a sociedade “de bem.”²⁰

Semelhantes modos de experimentar a relação amorosa não correspondem, em absoluto, às promessas do *magister amoris* ovidiano diante de seu alunado, quer masculino (livros primeiro e segundo), quer feminino (livro terceiro). De início, chamamos a atenção para o fato de que, separados pelos mecanismos artísticos da poesia didática antiga o poeta/ emissor da

¹⁶ OROSCO (2011) 400-411.

¹⁷ POSSAMAI (2010) 82-83.

¹⁸ PROP. 1.1.25-30.

¹⁹ FEDELI (1991) 109.

²⁰ FEDELI (1991) 109.

“voz” textual do amante/ aluno(a) de tema amoroso, o primeiro obtém como que um espaço para olhar de modo distanciado²¹ para tal assunto, sem, em princípio, envolver-se emocionalmente com os aspectos que vai apresentando ao longo dos versos do poema. Ora, isso não se dava na elegia típica, pois, ali, vida amorosa e escritura de poemas a respeito dela se imbricavam a tal ponto que, muitas vezes, tornava-se difícil discernir se os temas abordados eram realmente de matiz afetivo ou metaliterário.²²

Tem-se, nesse fator, um primeiro ponto de “vantagem” dos amantes moldados pela letra do texto da *Ars amatoria* diante de seus correlatos estritamente elegíacos, como se, guiados por um mestre experiente e capaz, com toda a calma e frio cálculo de um especialista, não mais precisassem recluir a tomada de decisões errôneas em sua vida amorosa, devidas à confusão de ideias em meio a inevitáveis torvelinhos afetivos. Além disso, passando do plano do mero sentimento para definir-se como uma *ars*, ou técnica, o amor agora assume o sentido de algo passível de ser ensinado e, fundamentalmente, aprendido, de modo que os bons seguidores dos preceitos que se identificam com o curso do *magister amoris* poderiam imbuir-se de todo um cabedal de conhecimentos passível de garantir-lhes boas chances de sucesso na empreitada de conquista em que se lançam.

Várias das imagens encontradas na inicial proposição da *Ars*, ressaltamos, constroem no contexto analisado a noção de que, ao Amor, cabe não mais *comandar*, como na elegia properciana que comentamos acima, mas *sim ser comandado*:

*Se alguém neste povo não conhece a arte de amar,
leia este poema e, lendo-o, ame instruído.
Pela arte e ágeis remos as naus velozes são impelidas;
pela arte, o leve carro; pela arte é preciso reger-se o Amor.*

²¹ CONTE (1994) 46. Diga-se que Gian Biagio Conte atribui a operação ovidiana de libertar-se das estreitas amarras do mundo elegíaco já aos exercícios dos *Amores*, nos quais parecia haver ironias a respeito das situações galantes esboçadas e, por vezes, desnudamento das artificialidades do código literário envolvido para representá-las.

²² TREVIZAM (2003) 130: “Um crítico como Conte [CONTE (1994) 333] recorda-nos que Propércio publicou seu primeiro livro de elegias sob o nome de *Cynthia*, seguindo certa convenção dos poetas alexandrinos segundo a qual se chamavam as obras poéticas em conformidade com o nome das mulheres nelas celebradas.”

Com os carros e flexíveis rédeas Automedonte era habilidoso; Tífis, na Hemônia, foi o mestre de uma popa; a mim, Vênus designou preceptor do tenro Amor: um Tífis e um Automedonte do Amor possam chamar-me. Ele decerto é feroz, e tal que a mim muito resista mas é menino, idade fácil e própria a ser guiada.	5 10
O Filirida instruiu o menino Aquiles na cítara e seu ímpeto com mansa arte quebrantou; quem tantas vezes os aliados, tantas os inimigos apavorou, julgam-no o idoso homem ter muito receado; sob as ordens do mestre, apresentou ele aos golpes as mãos que Heitor sentiria. ²³	 15

Destacamos, então, as ideias do *magister amoris* como alguém similar ou tão habilidoso quanto Automedonte, o cocheiro de Aquiles na *Iliada* homérica, Tífis, o piloto da nau Argo, e o centauro Quíron, filho de Filira, que se incumbira da educação de ninguém menos que o impetuoso Aquiles; ainda, o mesmo preceptor amoroso aproxima seu alardeado domínio da situação de ter de instruir seus pupilos no âmbito galante daquele que têm os habilidosos sobre os touros de arada ou sobre os cavalos sujeitos a freios (v. 19-20).

Tal domínio, ainda, parece ganhar em confiabilidade quando o *magister* aponta, na sequência da passagem transcrita (v. 25), que não foi inspirado por Febo para compor este seu canto de instrução, nem pelas aves ou por Clio, uma das Musas que se incumbira da iniciação poética de Hesíodo no monte Hélicon.²⁴ Muito, supostamente, já tendo sofrido os assaltos do Amor — v. 23-24 —, ele adquiriu a “experiência” — *usus*, v. 29 — indispensável

²³ Ov., *Ars* 1.1-16: *Si quis in hoc artem populo non nouit amandi, / hoc legat et lecto carmine doctus amet. / Arte citae ueloque rates remoque mouentur, / arte leues currus; arte regendus Amor. / Curribus Automedon lentisque erat aptus habenis; / Tiphys in Haemonia puppe magister erat. / Me Venus artificem tenero praefecit Amori; / Tiphys et Automedon dicar Amoris ego. / Ille quidem feros est, et qui mihi saepe repugnet; / sed puer est, aetas mollis et apta regi. / Philyrides puerum cithara perfecit Achillem, / atque animos placida contudit arte feros. / Qui totiens socios, totiens exterruit hostes, / creditur annosum pertimuisse senem; / quas Hector sensurus erat, poscente magistro, / uerberibus iussas praebuit ille manus.* (todas as traduções da *Arte de amar* citadas neste artigo são de minha autoria)

²⁴ BALDO; CRISTANTE; PIANEZZOLA (s.d.) 189.

para bem guiar seus *discipuli*, de um e outro sexo, nos meandros da via amorosa.

A continuidade compositiva da *Ars amatoria*, ao longo de suas três grandes subdivisões, corresponde, no primeiro livro, a oferecer aos moços os conselhos necessários para que possam encontrar e iniciar algum relacionamento com uma mulher em certos ambientes da Cidade: esses são, por exemplo, o Pórtico de Livia, os teatros, os circos, os templos ou mesmo o foro, centro nevrálgico da vida política e social romana. Ora, pela própria diversificação dos lugares em que agora pode *qualquer homem* em Roma encontrar uma mulher a quem deseje, sem precisar isolar-se em uma “redoma” apenas atinente à sua exclusiva paixão (como os amantes elegíacos típicos), já notamos o significativo “alargamento de horizontes” da experiência amorosa tal como remodelada por Ovídio na *Ars amatoria*, a partir dos referenciais da elegia.²⁵

O livro segundo, por sua vez, como o término da obediência ao primeiro pressupõe ao menos a conquista inicial de uma amante pelo aluno, vincula-se a fazer com que ele consiga manter o interesse da bela sobre si, não a perdendo para algum rival depois dos esforços empenhados para a “captura.” No terceiro, como dissemos, o único destinado pelo poeta ao público feminino, é curioso notar com Holzberg²⁶ que os preceitos parecem, de certo modo, especularmente construídos em relação às duas primeiras partes do poema. Assim, as mulheres necessitarão, por exemplo, pôr-se para fora de suas casas a fim de encontrarem um amante (v. 387 et seq.) e avivar a chama da paixão, depois de seduzido o parceiro, fazendo-o sempre temer a sombra de um rival (v. 591 et seq.).

As partes “masculina” e “feminina” do curso de galanteio oferecido por Ovídio, ainda, parecem-se não só porque manifestam o mesmo movimento básico de conquista e manutenção de parceiros, mas ainda porque nessas duas seções do texto assistimos ao predominante desenrolar de

²⁵ Nos próprios *Amores* — veja-se acima nota 21 —, reforçamos, Ovídio já parecia manifestar posicionamento crítico e algum distanciamento das convenções elegíacas, não se produzindo, nessa parte de sua obra, a mesma ilusão de “sinceridade” que caracterizava, mais propriamente, as composições de Propércio e de Tibulo.

²⁶ Veja-se acima nota 9.

técnicas vinculadas ao *engano*.²⁷ Então, embora permaneçam em superfície as personagens — o jovem moço enamorado, a fascinante mulher a que se liga — e muito do repertório de atitudes da elegia típica nos versos da *Ars amatoria*, nota-se que desta feita correspondem a aspectos deliberadamente moldados pelos amantes em obediência aos preceitos do *magister amoris*, pois assim esperam assenhorear-se do conjunto de regras necessárias ao triunfo em sua vida galante. Essa, de resto, como os amantes são instruídos na matéria que lhes diz respeito e evitam, em princípio, cair nas ciladas do efetivo enamoramento por suas “presas”,²⁸ basicamente se identifica com obter uma descompromissada forma de prazer, sem as inevitáveis dores dos apaixonados elegíacos.

Poderíamos exemplificar a nova postura, completamente interesseira, desses homens e mulheres a amar sob a direção instrucional de Ovídio com certa passagem do livro primeiro da *Ars amatoria*, em que se fala da vantagem (fingida) das lágrimas para a comoção do objeto de desejo:

*Também as lágrimas ajudam; comoverás até diamantes com teu pranto.
Faze com que veja tua face úmida, se puderes.
Se te faltarem as lágrimas (pois nem sempre chegam a tempo),
toca os olhos com as mãos molhadas.*²⁹ 660

O que lemos nos versos acima, na verdade, não significa sofrer e extravasar a própria dor através de um sinal inequívoco desse sentimento, mas uma racional estratégia de ator. Isso quer dizer que, no interno da preceptística galante de Ovídio, nem mesmo as lágrimas, um dos mais patentes modos de desnudamento da alma, em outras circunstâncias,³⁰ escapam da

²⁷ HOLZBERG (2002) 106: “Among the sexually stimulating feints the preceptor recommends to the *puella* is affected jealousy (677-678).”

²⁸ A leitura do *corpus* erotodidático ovidiano em toda sua extensão, porém, acaba revelando que as lições da *Ars amatoria* podem ser perigosas não só para aqueles a quem se seduz, mas ainda para os próprios sedutores, por vezes transformados em inesperadas presas do jogo que eles próprios armaram [como atesta a própria existência do “curso terapêutico” dos *Remedia amoris*, amiúde modelado sobre precisas inversões dos conselhos da *Ars* — HOLZBERG (2002) 108].

²⁹ OV., *Ars* 1.657-660: *Et lacrimae prosunt: lacrimis adamanta mouebis;/ fac madidas uideat, si potes, illa genas./ Si lacrimae, neque enim ueniunt in tempore semper,/ deficient, uncta lumina tange manu.*

³⁰ PROP. 1.5.27-32.

nova condição de um meio friamente empregado com vistas ao domínio do outro, doravante transformado, de antigo algoz afetivo, em verdadeira vítima de formas de agir bastante insidiosas, por sua aparência mesma de sinceridade.

II.2. O amor no livro IV do *De rerum natura* lucreciano e as possíveis aproximações dessa temática da obra de Ovídio, autor da *Ars amatoria*

A compreensão dos elementos em que as concepções amorosas de Lucrecio se aproximam do mesmo aspecto da experiência humana, como focalizado por Ovídio na *Ars amatoria*, demanda-nos, primeiramente, breve recapitulação sobre os pontos de vista dos epicuristas a respeito da existência do sábio. Faz-se necessário, quando evocamos o assunto das escolhas de vida privilegiadas por tal Escola filosófica, mencionar que Epicuro propusera certo *prazer* como a mais alta meta do destino humano.³¹ Não devemos, porém, à maneira de alguns néscios apontados por ele ainda na Antiguidade, de imediato associar a noção de “prazer” à mera e desenfreada fruição dos gozos dos sentidos.³² Antes, esse filósofo antigo o definiu como espécie de negação da dor, na medida em que todos aqueles cientes da Doutrina e libertos da pesada privação do essencial a seu equilíbrio físico e psíquico (ou seja, da fome, da sede, do frio ou calor excessivos, do forte receio a respeito do mundo que os cerca) lograriam experimentar um estado de serena plenitude (*ataraxia*), o qual se pode aproximar do ideal de suma felicidade ao modo epicurista.³³

Semelhante concepção do prazer (ou da felicidade) por força corresponde a algo em estreito elo com a simplificação da vida, pois, segundo ela, por vezes mais vale ter menos.³⁴ Ainda, convém ao sábio, sobretudo, mode-

³¹ GALE (2003) 10-11: “The Idea that the Epicureans were seekers of refined sensual pleasure is a misconception (or slander) that goes back to ancient times. In fact, Epicurus did indeed claim that pleasure is the highest good; but what he meant by ‘pleasure’ is not at all the same as what modern epicures take the term to mean.”

³² LORENCINI; DEL CARRATORE (2002) 9-10.

³³ GALE (2007) 73.

³⁴ HADOT (1999) 182: “Sobretudo, é necessário praticar a disciplina dos desejos, é necessário saber contentar-se com o que é fácil de alcançar, com o que satisfaz as necessidades fundamentais do ser, e renunciar ao que é supérfluo. Fórmula simples, mas

rar-se em *todos* os prazeres — ocorrendo que mesmo os naturais e necessários se satisfaçam com muito pouco! — e, especialmente, resguardar-se contra os perigos daqueles menos indispensáveis à sua existência.

O exame, então, da seção do *De rerum natura* mais afim ao estrito tratamento dos assuntos amorosos, a qual se encontra ao término do livro quarto do poema (v. 1030-1285), parece revelar-nos fortes ecos das gerais concepções de Epicuro sobre a vida e a sábia experimentação do(s) prazer(es). Como bom discípulo desse mestre, Lucrecio registrou preceitos como os seguintes ao longo da passagem que segue:

*Realmente, se está ausente aquilo que se ama, logo vêm perto de nós as suas imagens, logo o seu doce nome ressoa de contínuo aos nossos ouvidos. Mas convém fugir a essas imagens, afastar de si os alimentos do amor, pensar em outras coisas e lançar num corpo qualquer o líquido coligido: não devemos retê-lo, convertê-lo a um único amor e preparar para si próprio um cuidado e uma dor certa. Porque a ferida se fortalece e se torna inveterada se a alimentarmos. De dia para dia, cresce o furor e se torna mais pesada a pena, se não se apagam com feridas novas os golpes antigos, se, variando, não se confiam ainda recentes a Vênus vagabunda ou se não se podem transferir a outro objeto os movimentos do espírito. E aquele que evita o amor não fica privado do fruto de Vênus, mas antes recolhe aquilo que é agradável e sem as dificuldades. Efetivamente, o prazer que recolhem os que estão de cabeça fria é mais puro do que o dos desvairados.*³⁵

Ora, o tom dos preceitos didáticos lucrecianos, segundo acima expressos, apresenta-nos uma ideia da experimentação do amor/ Vênus como algo de todo afastado dos extremos da paixão. Assim, dissuadindo seus *discipuli* de envolver-se em demasia e fixidez com quaisquer objetos do desejo, esse filósofo contribui para esboçar uma formulação da experiência

que não deixa de levar a uma alteração radical da vida: contentar-se com comidas simples, roupas simples, renunciar às riquezas, às honras, aos cargos públicos, viver retirado.”

³⁵ LVCR. 4.1061-1076: *Nam si abest quod ames, praesto simulacra tamen sunt/ illius, et nomen dulce obuersatur ad auris./ Sed fugitare decet simulacra et pabula amoris/ absterrere sibi atque alio conuertere mentem/ et iacere umorem collectum in corpora quaeque/ nec retinere, semel conuersum unius amore,/ et seruare sibi curam certumque dolorem;/ ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo,/ inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit,/ si non prima nouis conturbes ulnera plagis/ uulgiuagaque uagus Venere ante recentia cures/ aut alio possis animi traducere motus./ Nec Veneris fructu caret is qui uitat amorem,/ sed potius quae sunt sine poena commoda sumit;/ nam certe purast sanis magis inde uoluptas/ quam miseris.* (todas as traduções de Lucrecio citadas neste artigo são de Agostinho da Silva)

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 17 (2015)

amorosa cujo alvo se direciona para a obtenção de um modo, ao mesmo tempo, controlado e não exclusivo de prazer. No tocante ao prazer dos que se alheiam a excessivos arroubos passionais, sem deixar de satisfazer às “exigências da natureza”, surgem, no pensamento de Lucrécio, conotações de uma experiência “mais pura” — *pura (...) magis*, v. 1075 — do que o movimento febril dos amantes cegamente inebriados de desejo. Quanto à descarga da tensão sexual acumulada, basta um *corpo qualquer — in corpora quaeque*, v. 1065 — para que se lance o líquido seminal; a própria variação do foco das atenções erótico-afetivas de alguém, por sua vez — *transferir a outro objeto os movimentos do espírito [alio (...) animi traducere motus — v. 1072]* —, reveste-se de fins preventivos contra os laços demasiado estreitos de um relacionamento peculiar.

Também consideramos de importância lembrar, em passagem um pouco posterior do mesmo livro IV do *De rerum natura*, que o poeta menciona a possibilidade de até serem amadas, e satisfazerem do ponto de vista erótico e afetivo, mulheres que não primem, exatamente, por uma exímia beleza (*que se vai amar uma mulher de beleza inferior — deteriore fit ut forma muliercula ametur — v. 1279*). Ocorre, segundo explica, que os costumes de certas mulheres, suas maneiras de comportar-se e os cuidados que manifestam para com seu corpo podem facilmente atrair um companheiro para partilhar-lhes a existência. Além disso, o próprio costume (de convivência) tem o poder de superação das mais duras barreiras, algo imagetivamente exemplificado, bem ao fim do livro do *De rerum natura* sobre o qual nos pronunciamos, pela ideia da gota d’água, com o passar do tempo, mais forte até que uma rocha.³⁶

Tais ideias que temos arrolado como características da visão do amor por Lucrécio encontram na “antielegíaca” *Ars amatoria* importantes para-

³⁶ LVCR. 4.1286-1287: *Nonne uides etiam guttas in saxa cadentis/ umoris longo in spatio pertundere saxa? — Não vês como as gotas d’água, caindo numa pedra, com o tempo as perfuram?* Em Ovídio, por outro lado, aconselha-se ao jovem conquistador servir-se da força do hábito para prender a si mesmo a mulher que “capturou” (OV., *Ars* 2.345-348: *Fac tibi consuescat; nil adsuetudine maius./ Quam tu dum capias, taedia nulla fuge./ Te semper uideat, tibi semper praebeat aures,/ exhibeat uultus noxque diesque tuos. — Acostuma-a a ti: nada é mais importante que o hábito;/ enquanto a cativas, nenhuma mesmice evita./ Veja-te sempre, sempre te dê ouvidos,/ noite e dia mostra a face.*).

lelos. De acordo com os preceitos do *magister amoris* ovidiano, com efeito, sobressai-se como aspecto mais óbvio da vivência erótico-afetiva a noção do controle — bem o vimos ao comentar a proposição do livro inicial da *Ars amatoria* —, algo também manifesto por Lucrecio em seus conselhos, embora neste caso devamos falar no sábio controle de si, e, em Ovídio, sobretudo do outro. Seja como for, em um e outro contexto encontramos intentos de afastar os grilhões afetivos de si, mesmo porque, na *Ars*, em fragrante contraste com a captura de “Propércio” por Cíntia,³⁷ a presa corresponde sempre ao parceiro conquistado.³⁸

Ainda, como anuncia o *magister amoris* ovidiano em 1.55-66, havendo tamanha abundância de mulheres, inclusive em tipos, na metrópole identificada com Roma, seria difícil que seu jovem aluno de galanteio pudesse de todo concentrar as próprias atenções em um único alvo afetivo.³⁹ Por sinal, resguardadas as diferenças de postura ética entre o mundano mestre inserido na produção de Ovídio e aquele identificado com o “bem intencionado” Lucrecio, na *Ars amatoria* também se encontram conselhos identificados com a busca de mais de um foco de atenção erótica:

*Se os confiantes peitos indolentes se embotam na monotonia,
 o amor deve ser provocado por estímulos cruéis. 444*
*Incita-a a recear por ti e reaquece-lhe a tepidez do coração:
 que ela empalideça aos sinais de teu crime.
 Ó, quatro e inumeráveis vezes feliz
 aquele por quem uma moça ferida sofre!
 Mal lhe chega o delito aos ouvidos contrariados,
 desfalece a infeliz, sem voz nem cor.⁴⁰ 450*

³⁷ PROP. 1.1.1: *Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis* — Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que **me enfeitiçou**. (grifo nosso)

³⁸ OV., *Ars* 3.559-562: *Hic rudis et castris nunc primum notus Amoris,/ qui tetigit thalamos, praeda nouella, tuos,/ te solam norit, tibi semper inhaereat uni:/ cingenda est altis saepibus ista seges. — Este novato que só agora foi apresentado à milícia/ do Amor (tenra presa [grifo nosso] que te veio ao leito)/ apenas a ti conhecerá, para que a ti apenas sempre se ligue:/ esta seara deve ser rodeada por altas sebes.*

³⁹ OV., *Ars* 1.55-56: *Tot tibi tamque dabit formosas Roma puellas,/ “Haec habet”, ut dicas, “quidquid in Orbe fuit.” — A ti, porém, tantas e tão formosas moças/ dará Roma que dirás: “Ela as possui, quaisquer que existam neste mundo.”*

⁴⁰ OV., *Ars* 2.443-450: *Sic, ubi pigra situ securaque pectora torpent,/ acribus est stimulis eliciendus amor./ Fac timeat de te, tepidamque recalface mentem;/ palleat indicio criminis illa tui./*

Patenteia-se, então, aos leitores dos dois poetas que longe em princípio se está, em um e outro caso, dos transbordamentos passionais e da “escravidão” amorosa que caracterizava a produção elegíaca típica. Quanto ao aspecto da adaptabilidade de muitos parceiros ao amor, sem a fixação apenas na exímia *forma* (“beleza”) de alguém em particular — como Cíntia, Délia ou Márato —, notamos que não apenas Lucrécio se posicionara favoravelmente,⁴¹ mas que ideias semelhantes são reiteradas pelo Ovídio da *Ars amatoria*. Assim, um trecho como o das “posições do amor”, em fins do livro terceiro dessa sua obra, permite observar a viabilidade de que mulheres, fisicamente, com características muito variadas, e nem sempre tão vantajosas, transformem-se em amantes e prestem-se ao prazer:

*Quem muito se distingue pela face deitará sobre o próprio dorso,
mas sejam observadas de bruços as que têm as costas deleitosas.
E tu, cujo ventre foi sulcado por Lucina,⁴² 775
faze como o Parto veloz, que volta as costas à montaria.
Milanião levava as pernas de Atalanta aos ombros:
se são belas, devem ser vistas assim.
Que a pequena monte a cavalo; por sua enorme estatura, nunca
a esposa tebana cavalgou sobre Heitor.⁴³ 780*

Também nos parece de utilidade mencionar que os grandes gastos que os apaixonados muitas vezes fazem, a fim de impressionar a seus objetos do desejo por meio da exibição de bens materiais, acolhem, na preceituação amorosa de Lucrécio,⁴⁴ e na de Ovídio,⁴⁵ tons de notória repro-

O quater, et quotiens numero comprehendere non est, / felicem de quo laesa puella dolet. / Quae, simul inuitas crimen peruenit ad aures, / excidit, et miserae uoxque colorque fugit!

⁴¹ Nos entornos de v. 1279, a saber.

⁴² Grifo nosso.

⁴³ Ov., *Ars* 3.773-780: *Quae facie praesignis erit, resupina iaceto; / spectentur tergo, quis sua terga placent. / Tu quoque, cui rugis uterum Lucina notauit, / ut celer auersis utere Parthus equis. / Milanion umeris Atalantes crura ferebat. / Si bona sunt, hoc sunt aspicienda modo. / Parua uehatur equo: quod erat longissima, numquam / Thebais Hectoreo nupta resedit equo.*

⁴⁴ LVCR. 4.1123-1124: *Labitur interea res et Babylonica fiunt, / languent officia atque aegrotat fama uacillans. — Entretanto, dissipa-se a fortuna e transforma-se em tapetes da Babilônia, os deveres tornam-se lânguidos e a reputação vacilante adoece.*

⁴⁵ Ov., *Ars* 3.171-172: *Cum tot prodierint pretio leuiore colores, / quis furor est census corpore ferre suos? — Quando há tanta oferta de cores menos dispendiosas, / que loucura é a de levar sobre o corpo toda uma fortuna?*

vação, como se, na verdade, fossem mais um signo do desvario dos que não medem as consequências antes de entregar-se a insensatas e fugazes fantasias.⁴⁶

III. Diferenças no tratamento do tema amoroso por Lucrecio e Ovídio (*Ars amatoria*)

III.1. Introdução e diferenças estruturais na abordagem do amor em *De rerum natura* e *Ars amatoria*

Neste tópico geral, passaremos a enfatizar os pontos em que as concepções do tema amoroso se distanciam, quando consideramos as duas obras de Lucrecio e Ovídio aqui em jogo. Para isso, concentraremos nossas análises, além de em certo fator estrutural do poema de Lucrecio, nas mesclas entre o sagrado — ou suas ocasiões sociais de manifestação — e o mundo galante, segundo compreendidas por esses autores, bem como em algumas específicas passagens de um e outro poema,⁴⁷ passíveis de cotejo com fins de propormos divergências entre as ideias expressas nos diferentes contextos.

De início, convém lembrar que o *De rerum natura* se inicia com o célebre “Hino a Vênus”: aqui, na verdade, divisamos uma espécie de seção à parte no corpo da racionalista obra lucreciana, por seus tons delicadamente líricos⁴⁸ e pelos contornos de indefinição que a cercam, apesar das contínuas tentativas interpretativas dos filólogos.⁴⁹ O “Hino”, portanto, desde o início se constrói como festiva celebração de muitos elementos vinculados à fecundidade e à alegria no mundo: em v. 3-4, depois da efetiva nomeação de Vênus, “mãe dos Enéadas”, Lucrecio menciona a capacidade dessa força de “povoar” (*concelebras*, v. 4) *o navegado mar e as terras férteis em searas* (v. 3: *quae mare nauigerum, quae terras frugiferentis*), pois por ela se

⁴⁶ Veja-se acima nota 44.

⁴⁷ A saber, LVCR. 4.1157-1170 e Ov., *Ars* 2.641-662.

⁴⁸ Veja-se, sobre a grande expressividade poética do “Hino”, a seguinte observação de P. M. BROWN [LVCRETIVS (1984) 46] sobre v. 9: “The repetition of liquids and of long *a* and *u* adds to the music of the line and helps to make it an expressively peaceful climax. Like Virgil, L here employs a word of three long syllables before the final dactyl and spondee to close the period.”

⁴⁹ GALE (1996) 208.

concebe todo o gênero de seres vivos e, nascendo, contempla a luz do sol (v. 4-5: *genus omne animantum/ concipitur uisitque exortum lumina solis*). A partir de v. 6, esboçam-se imagens de todo afins a dotar esse trecho de tons de suavidade primaveril:

De ti, mal tu chegas, se afastam as nuvens do céu; e a ti oferece a terra diligente as suaves flores, para ti sorriem os plainos do mar e o céu em paz resplandece inundado de luz. Apenas reaparece o aspecto primaveril dos dias e o sopro criador do Favônio, já livre, ganha forças, primeiro te celebram e à tua vinda, ó deusa, as aves do ar, pela tua força abaladas no mais íntimo do peito; depois, os animais bravios e os rebanhos saltam pelos ledos pastos e atravessam a nado as rápidas correntes: todos, possesores do teu encanto e desejo, te seguem, aonde tu os queiras levar.⁵⁰

Na sequência, segue-se de v. 21 a v. 30 o pedido à divindade para que se associe ao gesto compositivo do poeta (v. 15-17), de maneira que ela possa, fundamentalmente, conferir “encanto” (*leporem*, v. 28) a tais versos. Acreditamos em que, assim expressa com ênfase — também em v. 15, note-se — logo à abertura do *De rerum natura*, a noção de “encanto”, “graça”, ou seja qual tradução ofereçamos para o substantivo latino em pauta, corresponde a um conceito-chave para a construção das visões de mundo encontráveis nesse poema, cuja vinculação filosófica se dá justo com uma Escola tão valorizadora do prazer.

Depois, entre v. 31 e 43, parece-nos haver a decisiva mudança do direcionamento compositivo do “Hino” em direção à forte antropomorfização de Vênus: na verdade, desta feita a deusa é representada como nada menos que a amante de Marte, de acordo com a fabulação mítica conhecida desde os poemas homéricos.⁵¹ Em conformidade com semelhante direcionamento de sentidos, portanto, o poeta apresenta-nos a deusa em verdadeiro enlace amoroso com o antigo Nume associável à guerra (v. 33-34), de maneira que ela logra até ganhar poderes sobre o deus e, talvez, reter o fluxo da

⁵⁰ LVCR. 1.6-16: *Te, dea, te fugiunt uenti, te nubila caeli/ aduentumque tuum, tibi suavis daedala tellus/ summittit flores, tibi rident aequora ponti/ placatumque nitet diffuso lumine caelum./ Nam simul ac species patefactast uerna diei/ et reserata uiget genitabilis aura fauoni,/ aerae primum uolucres te, diua, tuumque/ significant inutum percussae corda tua ui./ Inde ferae, pecudes persultant pabula laeta/ et rapidos tranant amnis: ita capta lepore/ te sequitur cupide quo quamque inducere pergis.*

⁵¹ HOM. *Od.* 8.265 et seq.

violência no mundo enquanto ambos se encontram abraçados. Em conjunto se caracteriza o término do “Hino”, além de pela antropomorfização de Vênus, que passa de uma diáfana força fecundante nos inícios para algo como um corpo feminino dotado de atributos capazes de despertar o desejo, por detalhes bastante evocativos da sexualidade (v. 37: *fica deitado como que suspenso de teus lábios — e que tuo pendet resupini spiritus ore*) e por tons políticos, tendo em vista, como sabemos, a relação de patronato dessa divindade em relação ao povo de Roma⁵² e a contextual súplica de Lucrécio a ela em favor do apaziguamento dos conflitos coevos na pátria.⁵³

Como se nota por esta sumária descrição, nada há nas representações venéreas ou amorosas do “Hino” de caracteristicamente negativo. Em busca de uma resposta para a razão da abertura de um poema epicurista, Escola, evidentemente, de todo refratária à ideia da intervenção sobrenatural de deuses ou outros entes sobrenaturais na maquinaria do mundo, justo com uma invocação a Vênus, grande parte dos estudiosos tem pendido para leituras simbólicas, como se, mencionando-a de acordo com as cambiantes imagens que vimos, Lucrécio na verdade intentasse dizer “outras coisas.” Tais “coisas”, apesar das eventuais discordâncias dos intérpretes,⁵⁴ parecem corresponder a aspectos bastante positivos da vida, como ressaltado por P. Michael Brown.

Esse anotador do livro inicial do *De rerum natura*, com efeito, entende a menção a Vênus entre v. 1 e v. 20 com os sentidos de uma “personificação das forças criativas no âmbito da reprodução sexual.”⁵⁵ O vocábulo *uoluptas* — “alegria”, “gozo”, “prazer”, v. 1 — aponta com grande precisão para um atributo venéreo em tais circunstâncias, pois as imagens de alegria e expansão da vida que caracterizam os seres vivos atingidos por semelhantes impulsos nesse começo do “Hino” mantêm exata correspondência com uma luminosa ideia de bem-estar. Até os elementos inanimados dessa contextua-

⁵² BRANDÃO (1993) 304.

⁵³ LVCR. 1.38-40: *Hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto/ circumfusa super, suavis ex ore loquelas/ funde petens placidam Romanis, incluta, pacem. — E tu, ó deusa, enquanto ele repousa, enlaça-o com teu corpo sagrado, solta dos lábios tuas doces palavras e pede para os romanos, ó cheia de glória, a plácida paz.*

⁵⁴ GALE (1996) 208.

⁵⁵ LVCRETIVS (1984) 42 (comentário de P. M. BROWN).

lização, a exemplo dos *ventos — uenti*, v. 6 —, das *nuvens do céu — nubila caeli*, v. 6 — e da terra, que se cobre festivamente de flores (v. 7) à chegada da primavera, manifestam algo similar a uma alegria, ora evitando emboçar o brilho da “deusa” com sua influência, ora preparando-se com delicada beleza para acolhê-la.

Esse mesmo comentador aponta o estabelecimento de um *continuum* entre a força criadora de “Vênus” no âmbito gerador dos corpos e naquele da inventividade poética.⁵⁶ Como se sabe, o poeta textualmente roga a ela a fim de obter-lhe os favores como parceira de feita de *De rerum natura* (v. 24-25), em obediência a uma prática enraizada nos primórdios da Literatura ocidental e claramente evocativa do apelo às Musas:⁵⁷ nesse sentido, a deusa passa a representar os próprios impulsos lucrecianos pela feita de sua obra, de forma similar ao desejo que leva os seres à mútua união e a gerar outros.

A segunda grande passagem de privilégio da abordagem de assuntos amoroso no *De rerum natura* é aquela que citamos no tópico geral anterior, com o objetivo de mostrar eventuais coincidências suas com as concepções galantes de Ovídio. Ela se estende, em sumária recapitulação, ao longo de v. 1030-1285, ao término do quarto livro do poema, e parece-nos corresponder a algo cuja leitura em contraposição às visões amorosas do “Hino a Vênus” nos é proposta por Lucrécio por alguns importantes motivos. De início convém lembrar que esta grande subdivisão do poema didático lucreciano se identifica com uma parte do texto quase sempre dedicada a explorar assuntos afins ao psiquismo (como a temática dos sonhos em v. 962-1036) e ao que, modernamente, diríamos a “fisiologia” das percepções (paladar, olfato, visão etc.) ou de outros mecanismos somáticos (movimento, alimentação, sono, excitação sexual, reprodução etc.). Desse modo, o assunto “amoroso” já adentra semelhante contexto sob a crua perspectiva do filósofo naturalista que se debruça sobre mais um dos fenômenos propiciados pela dinâmica de interação atômica nos corpos dos seres vivos:

Também naqueles em que na flor da idade começa a correr pelos canais o líquido seminal, no mesmo dia em que se torna maduro dentro do corpo, aparecem imagens de

⁵⁶ LVCRETIVS (1984) 42 (comentário de P. M. BROWN).

⁵⁷ GALE (1996) 209.

*vários corpos, com o aspecto de belas feições e de lindas cores, os quais incitam, irritando-os, os lugares túrgidos de abundante sêmen, de tal modo que eles, como se tudo se passasse na realidade, derramam em ondas a abundante corrente e mancham o vestuário.*⁵⁸

Semelhante abordagem do “amor” sob um viés, eminentemente, natural continua ao longo dos versos seguintes do mesmo livro lucreciano, quando o poeta descreve o coito (v. 1105 et seq.), menciona a possibilidade da mútua obtenção do prazer para os dois envolvidos no ato sexual (v. 1192 et seq.), trata do mecanismo da hereditariedade, ou seja, de como os filhos reproduzem em si os traços até dos avós ou outros ancestrais mais longínquos (v. 1218 et seq.), posiciona-se a respeito do assunto da esterilidade, tanto do homem quanto da mulher (v. 1233 et seq.), aborda as posições de cópula mais propícias à concepção (v. 1263 et seq.) etc.

Já esta peculiar maneira de Lucrecio de tratar de tais assuntos contribui para estabelecer como que uma linha de distinção entre amor/ a Vênus do “Hino” que a ela se dedica e esta outra (v. 1058-1060), pois, como adiante veremos com maiores detalhes, cessa nesse contexto de vigorar a ideia, mesmo simbólica, da deusa e de sua benéfica intervenção,⁵⁹ passando o próprio termo designativo de seu nome a indicar, sobretudo, os mecanismos físicos e psíquicos do sexo. De resto, sobre tal operação de ressignificação operada por Lucrecio, interessa-nos ainda lembrar que, por metonímia⁶⁰ ou outros mecanismos possíveis, o nome de Vênus amiúde assumiu,

⁵⁸ LVCR. 4.1030-1036: *Tum quibus aetatis freta primitus insinuat/ semen, ubi ipsa dies membris matura creavit,/ conueniunt simulacra foris e corpore quoque,/ nuntia praeclari uultus pulchrique coloris,/ qui ciet inritans loca turgida semine multo,/ ut quasi transactis saepe omnibu’ rebu’ profundant/ fluminis ingentis fluctus uestemque cruentent.*

⁵⁹ LVCR. 4.1233-1238: *Nec diuina satum genitalem numina cuiquam/ absterrent, pater a gnatis ne dulcibus umquam/ appelletur et ut sterili Venere exigit aeuom;/ quod plerumque putant, et multo sanguine maesti/ conspergunt aras adolentque altaria donis,/ ut grauidas reddant uxores semine largo. — Não são os poderes divinos que recusam seja a quem for a semente genital, de modo que nunca lhe chamem pai os filhos queridos e passe o tempo de vida com uma Vênus estéril; muitos, porém, pensam assim e, cheios de tristeza, inundam os altares de abundante sangue, perfumam as aras com suas dádivas, para que, por semente abundante, engravidem as esposas.*

⁶⁰ Em *De rerum natura* 4.1269-1273, Lucrecio diz: *Nam mulier prohibet se concipere atque repugnat,/ clunibus ipsa uiri Venerem si laeta retractat/ atque exossato ciet omni pectore fluctus;/ eicit enim sulcum recta regione uiaque/ uomeris atque locis auertit seminis ictum. —*

em latim, sentidos diversos daquele em geral associável a ele no Período Clássico.⁶¹

A principal diferença entre a “Venus” do “Hino” e aquela encontrada na parte do livro quarto que focalizamos, porém, diz respeito à perda da aura de algo inequivocamente benéfico a pairar sobre a “primeira versão.” Conforme se pode depreender de nossa explanação anterior a respeito da imagem divina tal qual esboçada na abertura do *De rerum natura*, antes prevaleceu uma imagem de tonalidades absolutamente luminosas e positivas, algo, decerto, impossível no outro contexto que aqui se examina. A partir de v. 1060, com efeito, esse sábio mestre de amor alerta para as faces menos risonhas da experimentação dos afetos e do erotismo.

Além disso, sequencialmente o poeta fala da insatisfação que vitima os amantes muito afogueados até no momento do coito (v. 1085 et seq.), pois um corpo não pode apoderar-se de outro do mesmo modo que, sedentos, engolimos com prazer a água; também há que considerar, bem o vimos, os riscos das febris ligações passionais para o patrimônio familiar dos amantes, quando desejam a todo custo empenhar esforços com vistas a bem impressionar, materialmente, seus objetos do desejo (v. 1123 et seq.); a cegueira passional, em si, pode levar a ignorar completamente o real nível das qualidades do ser amado (v. 1150 et seq.); mesmo as mais belas mulheres, quando vistas de perto, revelam por vezes entregar-se a práticas “repugnantes”, como as disformes (v. 1171 et seq.).

Pelas razões que temos arrolado no cotejo entre uma e outra imagem de “Vênus” no *De rerum natura*, poder-se-ia propor que o poeta pretendeu, nessa sua obra, estruturalmente relacionar as partes que as contêm, como se, frustrando nossas expectativas a respeito de vir a repetir-se, na verdade tivesse construído um todo em oposição, ou “desmascaramento”, tanto do

Efetivamente, a mulher se impede de conceber e se retrai, quando louca excita, com as nádegas, o prazer do homem, e, desmanchando-lhe o corpo, lhe retira o líquido; com efeito, atira fora do rego certo a relha do arado e impede o jato da semente nos lugares próprios.

⁶¹ BRANDÃO (1993) 303: “Venus, -eris, Vênus, enquanto substantivo comum, significa ‘amor físico, instinto, apetite sexual’; em seguida, as qualidades que excitam o amor, ‘graça, sedução’.”

aspecto divino e “não fisiológico” de Vênus, quanto daquele apenas “benfazejo.”

O mesmo não se poderia dizer das formas como Ovídio distribuiu e tratou os assuntos amorosos ao longo da *Ars amatoria*: nesse caso, o próprio preenchimento maciço do todo dos três livros do poema com tópicos em nexos com esse plano da experiência humana já basta para impedir que, aqui, haja algo similar ao inter-relacionamento de duas partes tematicamente afins do texto em meio a uma multiplicidade de assuntos distintos. Também é preciso lembrar que esse tratamento maciço do amor, apesar de aparentemente polarizado entre as parcelas do curso aos jovens (livro primeiro e segundo) e às moças (livro terceiro), ainda assim apresenta muitas semelhanças. Como explicamos, tanto os conquistadores do sexo feminino, quanto os do masculino recorrem basicamente ao engano e necessitam encontrar a quem amar (*Ars* 1.35-36 e 3.393 et seq.); em seguida, lutar para não desfazer na plena efemeridade os esforços despendidos na primeira fase de seu envolvimento com alguém (*Ars* 1.37-38 e 3.591 et seq.). Seria mesmo possível tentar aproximações mais pontuais entre as contrapartes masculina e feminina do curso de amor ovidiano, como atestam os versos abaixo:

*Mantém flexíveis as correias de teu calçado, e os dentes livres da ferrugem;
 não oscilem teus pés bambos em couros laxos,
 nem te erice a cabeça um corte que a deforme; 515
 apare-te a coma e a barba uma mão experiente;
 conserva as unhas curtas e livres de sujeira;
 que nenhum pelo desponte do fundo de tuas narinas;
 evita as desagradáveis exalações de uma boca fétida,
 e que o odor do macho, pai do rebanho, não agrida os narizes.⁶² 520*

*Por muito pouco não vos adverti de que se evitasse o terrível bode sob as axilas,
 nem se eriçassem vossas pernas com pelos pontiagudos!
 Entretanto, não são as moças das montanhas do Cáucaso que instruo, 195
 nem as que beberiam de tuas águas, ó mísio Cáico!
 E se eu recomendasse que a apatia não vos escurecesse os dentes
 e pela manhã se lavasse a face com um pouco d'água?⁶³*

⁶² Ov., *Ars* 1.513-520: *Lingula ne rigeat; careant rubigine dentes;/ nec uagus in laxa pes tibi pelle natet;/ nec male deformet rigidos tonsura capillos;/ sit coma, sit tuta barba resecta manu;/ et nihil emineant et sint sine sordibus ungues;/ inque caua nullus stet tibi nare pilus;/ nec male odorati sit tristis anhelitus oris;/ nec laedat nares uirque paterque gregis.*

Tais conselhos de “toilette”, respectivamente, aos homens e mulheres aproximam-se em mais de um ponto. Trata-se, como regra geral, de dizer aos *discipuli*, independentemente de seu sexo, que adotem cuidados físicos para parecerem no mínimo asseados àqueles a quem desejam conquistar, a fim de evitarem, dessa forma, causar a repulsa alheia já na fase de aproximação amorosa. Sob o ponto de vista das coincidências mais patentes entre um e outro trecho preceituador, destacamos, por exemplo, os assuntos da cautela contra os excessivos odores corporais, contra a pilosidade inconveniente e o tema da necessidade de uma higiene bucal adequada, os quais se aplicam quase sem distinções aos galanteadores masculinos e femininos.

Uma outra diferença que se destaca quando cotejamos Lucrécio e Ovídio como preceituadores do amor, tomando como base analítica os dizeres do livro quarto do primeiro autor e de toda a obra no caso do segundo, corresponde a notar que, por definição, o *magister amoris* da *Ars amatoria* não poderia enfatizar tanto quanto seu correlato as faces negativas da experiência galante. Afinal, se ele admitisse que envolver-se erótica e afetivamente com alguém pode levar a desequilíbrios e danos tão pronunciados quanto alguns, por vezes, anunciados por Lucrécio, como faria para atrair às suas “aulas” um contingente numérico de razoável importância? Antes, portando-se com a mesma “sinceridade” do poeta do *De rerum natura*, não lograria ele afastar e dissuadir o público de seu “curso de amor”, diante dos sustos e receios que semelhantes revelações pudessem despertar?

Então, apesar de algumas “pistas” disseminadas ao longo da obra, para o leitor atento, de que os preceitos amorosos contidos na *Ars amatoria* jamais se pretenderam como sérios conselhos comportamentais a ninguém,⁶⁴ bem como do choque representado pela própria escrita dos *Remedia amoris* (afinal, se os conselhos de galanteio presentes na *Ars* fossem tão infalíveis, por que motivo compor esse “apêndice”?), em princípio parecem prevalecer à superfície desse poema visões bastante otimistas sobre as chances

⁶³ OV., *Ars* 3.193-198: *Quam paene admonui ne trux caper iret in alas, / neue forent duris aspera crura pilis. / Sed non Caucasea doceo de rupe puellas, / quaeque bibant undas, Myse Caice, tuas. / Quid, si praecipiam ne fuscet inertia dentes, / oraque suscepta mane lauentur aqua?*

⁶⁴ ALLEN (1992) 35.

de controlar o amor e obter uma descompromissada forma de prazer.⁶⁵ Por outro lado, conforme desenvolvemos anteriormente, seria possível dizer que o amor negado nas entrelinhas da *Ars amatoria* mantém vínculos, sobretudo, com a forma elegíaca típica de entendê-lo, por exemplo, sendo dominado, não dominando.

Convém, por fim, notar que os aspectos negativos do amor, como ressaltados pelo Lucrecio do livro quarto do *De rerum natura*, também são altamente evocativos do imaginário elegíaco em sua forma mais pura, com suas mulheres “absorventes” de todos os aspectos da vida dos parceiros (v. 1141 et seq.) e a incessante sofreguidão diante dos objetos do desejo (v. 1079 et seq.), mesmo havendo o eventual acesso ao leito e a algumas migalhas de alegria ofertadas pela amada. Como diferença entre a rejeição ovidiana ao mundo elegíaco e as precauções de Lucrecio contra algo semelhante, no entanto, parece-nos evidente a maior explicitude da dor disso advinda no segundo poeta, temos insistido, além do fato de que, em Ovídio, os candidatos a conquistadores a evitarão não fugindo dos comportamentos de um “Propércio” ou de um “Álbio Tibulo,” mas apenas aderindo a eles para cativar, sem sinceridade alguma.⁶⁶

III.2. Diferenças nas relações entre sacralidade e erotismo em Lucrecio e em Ovídio, nos poemas considerados

O segundo aspecto que acima anunciamos para o desenvolvimento do eixo analítico das diferenças entre as concepções amorosas de Lucrecio e do Ovídio da *Ars amatoria*, os distintos modos de estabelecer elos entre o sagrado (ou a religião) e a experiência galante nas obras aqui comentadas, apresenta-se-nos, em certo sentido, como projeção do que, até este ponto, temos dito sobre as divergências temáticas cabíveis quando se consideram os trabalhos desses autores. Assim, comentou-se que a leitura conjunta das duas partes estruturalmente conexas do tratamento do amor em Lucrecio, ou seja, o “Hino a Vênus” e o trecho correspondente a v. 1030 et seq. no livro quarto do *De rerum natura*, revelava-nos a adoção de posturas distintas ao considerarmos os papéis atribuídos ao sagrado em um e outro contexto.

⁶⁵ TREVIZAM (2004) 134.

⁶⁶ Veja-se nota anterior.

Na verdade, no “Hino”, pareciam prevalecer as visões mais tradicionais a respeito do modo de atuação dos deuses no mundo: ora, segundo as crenças difusas nas religiões antigas, os entes supremos eram, de fato, ocupados em interagir no mundo e nortear os modos de relacionamento da comunidade de fiéis para consigo.⁶⁷

Disso resultava, assim, que pudessem irar-se com os descuidos — ou erros — religiosos dos fiéis, mas também manifestar contentamento e satisfação, cumulando-os de benefícios, quando corretamente cultuados e invocados com piedosas preces e oferendas.⁶⁸ Nesse sentido, a própria forma hímica adotada pelo poeta na abertura do *De rerum natura* presta-se com propriedade à função de uma homenagem pia ao Nume ali invocado, bem o vimos, inclusive com vistas a garantir a fluidez compositiva dessa obra e o sossego de mais de um envolvido nas preocupações do autor.

Tais visões providenciais sobre a atuação divina, entretanto, desfazem-se por completo na parte tematicamente comprometida com o assunto amoroso no livro quarto dessa mesma obra. Nesse contexto, por um lado, em mais de uma circunstância o poeta afirma *não* haver intervenção da deusa do amor nos assuntos atribuídos a ela pela religião antiga (v. 1058; v. 1233-1235; v. 1278-1279); por outro, serve-se do mero nome desse Nume para indicar outras realidades mais palpáveis, do ponto de vista epicurista, como o prazer erótico (v. 1073), as sedutoras, que se armam de muitos artifícios ocultos para bem apoderar-se da alma masculina (v. 1185), algo como os processos naturais da hereditariedade (v. 1223) etc.⁶⁹

Na *Ars amatoria*, no entanto, divisamos a constituição de um panorama algo diferente dos simbolismos e “correções” lucrecianos para mediar os nexos entre o sagrado e o amor no *De rerum natura*. Apesar da postura

⁶⁷ SCHEID (2007) 23.

⁶⁸ SCHEID (2007) 86.

⁶⁹ Importa, a respeito de semelhante desmitificação divina, lembrar que Lucrécio não o faz porque os epicuristas descreessem a existência dos deuses, mas porque concebiam o mundo como algo definitivamente entregue ao comando de meras leis naturais [HADOT (1999) 180].

por vezes irreverente do poeta em semelhante quesito,⁷⁰ notam-se várias interpenetrações entre o plano amoroso e o mundo dos deuses (e da religião) na *Ars amatoria*:

*Também os tribunais favorecem (quem acreditar) o Amor,
e os ardores amiúde despertam na algazarra do foro.* 80

*Junto ao marmóreo templo de Vênus, onde
Apiade percute os ares com jorros d'água,
com frequência o jurisconsulto é capturado pelo Amor,
e quem cuidou dos interesses alheios não cuida dos seus;
naquele lugar, não raro faltam as palaoras ao eloquente,* 85
casos sem precedentes sobrevêm e é preciso defender a própria causa.

*Vênus, dos templos vizinhos, diverte-se às suas custas;
quem há pouco era patrono, agora intenta ser cliente.*⁷¹

*Vênus lacerada move armas justas e responde aos dardos:
logo faz que tu lamentes por aquilo que há pouco ela lamentou.
Enquanto o Atrida se contentou com uma única mulher, também ela foi casta:
fez-se ímproba por vício do marido.*⁷² 400

Ora, no primeiro excerto, assistimos a uma cena algo inusitada, na medida em que homens tão sérios quanto os advogados do foro romano também passam por personagens suscetíveis de serem atingidas pelas influências do Amor. Apesar, aqui, da possibilidade de leitura sob a forma figurada da menção a esse deus — como se, na verdade, referindo-se a ele, o poeta tivesse apenas desejado indicar o sentimento amoroso —, lembramos que, em v. 7-8 do livro primeiro da *Ars amatoria*, o poeta já falara do Amor personificando-o como filho de Vênus, e que, nesse novo contexto, parece haver a continuidade de semelhante maneira de representá-lo. Ainda, sua

⁷⁰ Ov., 1.635-636: *Expedit esse Deos, et, ut expedit, esse putemus;/ dentur in antiquos tura merumque focos! — É útil que existam deuses e, como é útil, julguemos que existem;/ queima incenso e esparge vinho puro sobre os altares antigos.*

⁷¹ Ov., *Ars* 1.79-88: *Et fora conueniunt (quis credere possit?) Amori;/ flammaque in arguto saepe reperta foro./ Subdita qua Veneris facto de marmore templo/ Appias expressis aera pulsat aquis,/ illo saepe loco capitur consultus Amori,/ quique aliis cauit, non cauet ipse sibi;/ illo saepe loco desunt sua uerba diserto,/ resque nouae ueniunt, causaque agenda sua est./ Hunc Venus e templis, quae sunt confinia, ridet;/ qui modo patronus, nunc cupit esse cliens.*

⁷² Ov., *Ars* 2.397-400: *Laesa Venus iusta arma mouet telumque remittit,/ et, modo quod questa est, ipse querare facit./ Dum fuit Atrides una contentus, et illa/ casta fuit; uitio est improba facta uiri.*

própria mãe ressurgue nesses versos, ao que tudo indica, à maneira de um ente animado e capaz de reações diante da cena que vê, de enamoramento de algum jurisconsulto, com a conseqüente inversão de papéis para esse último (de protetor de alguém a candidato a protegido dos deuses).

A segunda citação acima, por sua vez, mostra-nos apenas a deusa Vênus no impulso de vingar-se da ofensa masculina ao orgulho de alguma de suas fiéis. Também desta feita, poder-se-ia inclusive tomar a menção a Vênus como, talvez, mera referência à própria mulher ofendida, mas de modo algum se descarta a hipótese da leitura do trecho ao modo mais literal, dada a relação de patronato, tantas vezes, estabelecida entre alguma divindade vinculada a certo âmbito da experiência humana e os indivíduos igualmente às voltas com ela, segundo atestado na outra passagem que acabamos de comentar.

Ainda interessa observar que o poeta favorece a vinculação entre um ente sagrado como Vênus e o mundo galante dos amantes, segundo esboçados na *Ars amatoria*, integrando-os à própria religião cívica do povo de Roma. Por “religião cívica”, em obediência a uma distinção realizada, já, pelo Varrão das *Antiquitates rerum diuinarum*,⁷³ compreendemos o aparato dos cultos e ritos que se davam em certas ocasiões típicas, com vistas a favorecer o correto contato entre o mundo dos deuses e aquele da comunidade de fiéis. Eram, portanto, os sacrifícios, lectistérnios, suplicações, cortejos e outras práticas tradicionalmente passadas de uma geração a outra de adeptos do paganismo:

*Mas quando a longa procissão seguir com deuses de marfim,
aplaude a soberana Vênus com mão calorosa.*⁷⁴

O dístico acima faz-nos ver um detalhe de algo ocorrido durante a ocasião em que o jovem conquistador, ainda no livro inicial da obra, procura aproximar-se de uma bela de seu interesse no Circo da cidade de Roma, onde competiam condutores de cavalos. Dadas as frequentes interpenetrações entre os espetáculos e as homenagens aos deuses na cultura

⁷³ BOISSIER (1861) 207.

⁷⁴ OV., *Ars* 1.147-148: *At cum pompa frequens Caelestibus ibit eburnis, / tu Veneri dominae plaude fauente manu.*

romana,⁷⁵ essa personagem da vida galante é aconselhada pelo *magister amoris* a aplaudir com entusiasmo a imagem da deusa Vênus durante um cortejo religioso inserido em semelhante ocasião festiva. Dado o contexto de ocorrência dessa homenagem do conquistador amoroso à divindade, ficamos a perguntar se, de fato, o mestre de amor o aconselha a proceder assim com esperanças de fazer ganhar o favor do ente sobrenatural citado ou, antes, para que ele interesse à *puella*, parecendo entusiasta de tudo o que a deusa representa. De um modo ou de outro, no entanto, sem ser preciso que nos indagemos sobre os reais sentimentos de devoção desse jovem *discipulus* para com Vênus, o fato é que ele, publicamente, adere à prática de celebrar a deusa patrona dos romanos.⁷⁶

III.3. Incompatibilidades entre a preceptística galante ovidiana e o *De rerum natura* no quesito dos avisos contra a cegueira passional dos amantes

Por fim, adentrado o último ponto de cotejo entre as diferenças no tratamento amoroso por Lucrecio e o Ovídio de *Ars amatoria*, o poeta mais antigo criticara, entre *De rerum natura* 4.1157-1170, a cegueira passional dos amantes do sexo masculino em termos bastante enfáticos. Nessa passagem, com efeito, diz-se que, para tais homens, *uma negra tem a cor do mel; a imunda e fedorenta é apenas maltratada; a de olhos verdes, uma Palas; a nervosa e lenhosa, uma gazela etc.*⁷⁷ A listagem lucreciana continua, e ele próprio reconhece, ao término dela, que ainda não esgotou todas as possibilidades de visão enganosa sobre o objeto de desejo.⁷⁸

Por sua vez, em *Ars amatoria* 2.641-662, Ovídio aconselha ao jovem amante, em certo sentido, o contrário do que apontara a cautela lucreciana:

⁷⁵ SCHEID (2007) 91.

⁷⁶ Derradeiramente, acrescentamos que Ovídio também se serve de uma invocação a Vênus para o auxílio à tarefa compositiva da *Ars* (1.30), e que não são estranhos empregos metonímicos do nome da deusa no mesmo poema (veja-se 1.33). Por outro lado, em 1.75, surge a menção mítica ao enamoramento entre ela e Adônis.

⁷⁷ LVCR. 4.1160-1161: *Nigra "melichrus" est, immunda et fetida "acosmos", / caesia "Palladium", neruosa et lignea "dorcas"*.

⁷⁸ LVCR. 4.1170: *Cetera de genere hoc longum est si dicere coner. — E seria muito longo se eu tentasse enumerar as outras coisas da mesma espécie.*

*Permite-se o uso de eufemismos na menção de seus defeitos. Que se diga “morena”
a que tem o sangue mais negro que o pez da Ilíria; 658
se for estrábica, diga-se que se parece com Vênus, e se tiver desbotados olhos, com Minerva;
seja “grácil” a que mal se mantém viva por sua magreza;
chama a pequena de “conveniente”, a obesa de “completa”,
e que a falha se oculte pela proximidade de um bem.⁷⁹*

No pequeno trecho transcrito acima, vê-se, os supostos defeitos das mulheres com quem se envolve o jovem amante passam verbalmente, até, a revestir-se de colorações de nobreza e elegância. Esclarecemos, porém, que, nesse contexto, em princípio a atribuição de tantas qualidades a tais mulheres não se dá, à diferença de Lucrecio, porque quem as propala se encontra cego de paixão, mas sim porque se vale também dessa estratégia de emprego de eufemismos para, talvez, ganhar vantagens diante de quem tenta seduzir.⁸⁰ Seria, porém, o caso de nos perguntarmos a respeito do caráter de todo inócuo de semelhante estratégia de conquista amorosa da *Ars amatoria*, pois, como se sabe, a “continuidade” desse curso de galanteio, identificada com os *Remedia amoris*, em certo momento de sua estruturação “terapêutica” propõe-se justo a desfazer (para si!) os males de calar em demasia os “defeitos” alheios:

*O quanto possível, torna em defeitos os dotes da menina
e ilude teu julgamento pela sutileza de limites.
“Inchada”, se tem corpo, se é morena, “negra” se diga;
na delgada, pode ser uma falha a magreza;
e poderá ser chamada “atrevida” a que não é simples,
ser chamada “simples” a que for honesta.⁸¹*

⁷⁹ Ov., *Ars* 2.657-662: *Nominibus mollire licet mala. Fusca uocetur,/ nigrrior Illyrica cui pice sanguis erit;/ si paeta est, Veneris similis; si raua, Mineruae;/ sit gracilis macie quae male uiua sua est./ Dic habilem quaecumque breuis, quae turgida, plenam;/ et lateat uitium proximitate boni.*

⁸⁰ BALDO; CRISTANTE; PIANEZZOLA (s.d.) 337-338: “657-62 (...) Mentre in Lucrezio, come già in Platone, la dissimulazione di vizi non solo costituisce un inganno per il destinatario ma è a sua volta frutto dell’illusione dell’amante, in Orazio e Ovidio essa diviene una tecnica che deve essere opportunamente esercitata dall’amico o dall’amans.”

⁸¹ Ov., *Rem.* 325-330: *Qua potes, in peius dotes deflecte puellae/ iudiciumque breui limite falle tuum./ Turgida, si plena est, si fusca est, nigra uocetur;/ in gracili macies crimen habere potest;/ et poterit dici petulans, quae rustica non est,/ et poterit dici rustica, siqua proba est.*

Nesse sentido, se desejássemos estender um pouco o cotejo entre as concepções amorosas de Lucrecio e as de Ovídio ainda para os *Remedia amoris*, seria possível dizer que, enquanto os cuidados do primeiro quanto às armadilhas do amor parecem primar pela prevenção,⁸² os do segundo apenas intervêm quando, em parte, os danos já se consumaram. Na verdade, os conselhos lucrecianos para a vida amorosa se encaminham, temos dito, no sentido de evitar o estabelecimento de quaisquer laços mais estreitos com o objeto do desejo, mesmo que esses não passem de uma farsa. No caso de Ovídio, no entanto, o caráter insidioso do mestre de amor à sua maneira justifica a ausência de avisos, na própria *Ars amatoria*, contra os perigos da transformação da estratégia de domínio do outro (*puella* ou moço que seja, conforme o sexo dos *discipuli*) em eventual armadilha para algum mais suscetível sedutor.

IV. Breve conclusão

Todos os exemplos apresentados ao longo do segundo tópico geral do artigo, embora ainda mais se pudessem estender semelhantes aproximações entre as visões do amor em Lucrecio e Ovídio, corroboram nossas impressões de que, na verdade, nem sempre cabe o estabelecimento da plena separação entre o sábio mestre de filosofia e o mundano professor de galanteio. Afinal, com variações de detalhes, surgem em ambos imagens da vida amorosa como algo em que deve vigorar o controle e ausentar-se o pleno exclusivismo, bem como a busca por algum “perfeito” modelo de beleza para preencher o papel do amante. Além disso, como algo constante em duas preceptivas de amor pautadas pelo meio-termo, mostramos, sequer ao bolso daqueles interessados em conquistar caberia sacrificar-se em demasia, para evitar danos mais graves e arrependimentos,⁸³ e o hábito não deixa de ter sua valia para o fortalecimento dos vínculos de convivência entre os parceiros.⁸⁴

⁸² LVCRETIVS (2008) 152: “The pathetic delusions of the infatuated lover are stigmatized as ‘sick’ and ‘mad’ (1068-9nn), whereas the quieter charms of the ‘homely little woman’ are enunciated with approval and the ‘habit of love’ sounds very much like Epicurean friendship (1278-87; cf. Cicero *Fin.*1.21.69).” (comentário de J. GODWIN)

⁸³ Vejam-se acima observações em fins da seção II.2.

⁸⁴ Veja-se acima nota 36.

Por outro lado, como balanço geral sobre o tema das divergências entre Lucrécio e Ovídio no assunto básico aqui tomado para objeto de estudo, os dados coligidos permitem, primeiramente, observar que o poeta da *Ars amatoria* não o polariza tanto ao longo desse texto; além disso, que as visões caracteristicamente enfatizadas nessa obra de preceptística galante tendem a acobertar alguns riscos do envolvimento amoroso, mesmo à maneira controlada do *magister amoris*; ainda, que Lucrécio tende a confinar a experiência erótica e afetiva ao mero plano da natureza fisiológica e psíquica humana, sem deixar intervir os deuses;⁸⁵ derradeiramente, que o conjunto dos conselhos do *magister amoris* ovidiano, encaminhando-se para o lado contrário dos do *De rerum natura* não apenas no sentido de levar a fazer aquilo de que o outro dissuadia,⁸⁶ mas também de identificar-se com uma terapia aos feridos — não tanto com precauções —, podem, só ao final, acabar revelando algo desde sempre sabido dos leitores do cauto Lucrécio.

⁸⁵ Vejam-se acima observações ao longo da seção III.2.

⁸⁶ Vejam-se acima notas 77 e 79, bem como o contexto de sua ocorrência.

Referências bibliográficas

- ALLEN, P. L. (1992), *The art of love — amatory fiction from Ovid to the Romance of the Rose*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- BALDO, G.; CRISTANTE, L.; PIANEZZOLA, E. (s.d.), “Commento”: OVIDIO, *L’arte di amare*, a cura di Emilio PIANEZZOLA. Milano, Mondadori/Lorenzo Valla, 185-422.
- BOSSIER, G. (1861), *Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron*. Paris, Hachette.
- BOYANCE, P. (1963), *Lucrece et l’épicurisme*. Paris, Presses Universitaires de France.
- BRANDÃO, J. (1993), *Dicionário mítico-etimológico — mitologia e religião romana*. Petrópolis/ Brasília, Vozes/ Edunb.
- CONTE, G. B. (1994), “Love without elegy: the ‘Remedia amoris’ and the logic of a genre”: G. B. CONTE (coord.), *Genres and readers: Lucretius, love elegy, Pliny’s Encyclopedia*, transl. by Glenn W. MOST, with a foreword by Charles SEGAL. Baltimore/ London, The Johns Hopkins University Press, 1994, 35-65.
- DALZELL, A. (1996), *The criticism of didactic poetry — essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London, University of Toronto Press.
- EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA (1988), *Antologia de textos; Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Hélvio; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do divino Cláudio*, trad. de Agostinho da SILVA, Amador CISNEIROS e Giulio Davide LEONI. São Paulo, Nova Cultural.
- FEDELL, P. (1991), “Bucolica, lirica, elegia”: F. MONTANARI (coord.), *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma, NIS, 77-131.
- GALE, M. (2007), “Lucretius and previous poetic traditions”: S. GILLESPIE; P. HARDIE (coord.), *The Cambridge Companion to Lucretius*. Cambridge, Cambridge University Press, 59-75.
- GALE, M. (2003), *Lucretius and the didactic poetry*. London, Bristol Classical Press.
- GALE, M. (1996), *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GRIMAL, P. (1994), *La littérature latine*. Paris, Fayard.

- HADOT, P. (1999), *O que é a filosofia antiga?* Trad. de Dion Davi MACEDO. São Paulo, Loyola.
- HOLZBERG, N. (2002), *Ovid — the poet and his work*, transl. by G. M. GOSHGARIAN. Ithaca/ London, Cornell University Press.
- LORENCINI, A.; DEL CARRATORE, E. (2002), “Introdução”: EPICURO, *Carta sobre a felicidade (a Meneceu)*. São Paulo, Unesp, 5-17.
- LVCRETIVS (1984), *De rerum natura I*, edited with introduction, commentary and vocabulary by P. Michael BROWN. Eastbourne, Bristol Classical Press.
- LVCRETIVS (2008), *De rerum natura IV*, with an introduction, translation and commentary by John GODWIN. Eastbourne, Aris and Phillipps.
- NOVAK, M. G.; NERY, M. L. (1992), *Poesia lírica latina*. São Paulo, Martins Fontes.
- OROSCO, G. S. (2011), “O amor como doença nos ‘Remedia Amoris’ de Ovídio”: *Anais do Seta*, vol. 5 (2011), 400-411.
- OVIDE (1961), *Les remèdes à l’amour*, trad. Henri BORNECQUE. Paris, Les Belles Lettres.
- OVÍDIO (1993), *Arte de amar*, trad. de Natália CORREIA e David MOURÃO-FERREIRA. São Paulo, Ars Poetica.
- POSSAMAI, P. C. (2010), “Homoerotismo e poder na Roma Antiga: o homoerotismo nas obras de Marcial e Juvenal”: *Bagoas*, n. 5 (2010), 80-94.
- SCHEID, J. (2010), *La religion des Romains*. Paris, Armand Colin.
- TOOHEY, P. (1996), *Epic lessons — an introduction to the ancient didactic poetry*. London/ New York, Routledge.
- TREVIZAM, M. (2003), *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da “Ars amatoria” de Ovídio*, dissertação de mestrado inédita. Campinas, IEL-Unicamp.
- TREVIZAM, M. (2004), “Forma didática e adaptação da poética elegíaca na ‘Ars amatoria’”: *Phaos*, vol. 4 (2004), 129-140.
- VEYNE, P. (1983), *L’élegie érotique romaine — l’amour, la poésie et l’Occident*. Paris, Seuil.
- VEYNE, P. (1997), “O império romano”: P. VEYNE (coord.), *História da vida privada: vol. I. Do Império romano ao ano mil*, trad. de Hildegard FEIST. São Paulo, Companhia das Letras.

* * * * *

Resumo: Neste artigo, focalizamos, depois de introduzir questões vinculadas à poesia didática antiga, as pareências ou divergências entre Lucrecio e Ovídio quando trataram do assunto amoroso no *De rerum natura* e na *Ars amatoria*. Então, se aspectos como a recomendação da “falta de exclusividade” do objeto dos afetos e a ênfase no controle ao vivenciar as experiências eróticas os aproximam, pontos, por exemplo, atinentes ao reforço da prevenção das dores amorosas em Lucrecio, mas de uma descompromissada astúcia em Ovídio, afastam-nos.

Palavras-chave: *Ars amatoria*; *De rerum natura*; preceituação amorosa; semelhanças; diferenças.

Resumen: Tras introducir cuestiones vinculadas a la poesía didáctica antigua, nos centraremos en este artículo en las similitudes o divergencias entre Lucrecio y Ovidio cuando se ocuparon del asunto amoroso en el *De rerum natura* y en el *Ars amatoria*. De ese modo, si los aproximan aspectos tales como la recomendación de la “falta de exclusividad” del objeto de los afectos y el énfasis en el control al experimentar las vivencias eróticas, alejan uno del otro cuestiones que atañen, por ejemplo, al refuerzo en Lucrecio de la prevención de los dolores amorosos, y en Ovidio de una astucia sin compromiso.

Palabras clave: *Ars amatoria*; *De rerum natura*; preceptiva amorosa; semejanzas; diferencias.

Résumé: Dans cet article, nous commençons par une introduction sur la poésie didactique antique, puis nous abordons les affinités ou les divergences entre Lucrèce et Ovide quand ils traitèrent le thème amoureux dans le *De rerum natura* et l'*Ars amatoria*. S'il existe, en effet, des aspects qui les rapprochent, comme la recommandation du "manque d'exclusivité" de l'objet des affections et l'accent mis sur le contrôle lors des expériences érotiques vécues, certains autres points concernant, par exemple, le renfort de la prévention des douleurs chez Lucrèce, mais qui sont d'une astuce sans compromis chez Ovide, les éloignent l'un de l'autre.

Mots-clés: *Ars amatoria*; *De rerum natura*; le précepte amoureux; affinités; différences.